

## O Sapo

(*Tristan Corbière.*)

Noite sem ar e esse canto, e esse canto...  
 —E a lua, em metal claro, unindo quanto  
 Rasgão do verde escuro, arvores, alfombra...

Um canto, como um éco, muito vivo,  
 Enterrado. acolá, na mouta... esquivo.  
 E, agora cala. Vem, é ali, na sombra,

Vem—um sapo!—Que medo que te deu!  
 Não vês. bem perto, aqui, teu fiel soldado?  
 Mas, olha-o, sem aza, é um poeta pellado  
 O rouxinol da lama.—Horror!—Não é meu.

Oh! canta.—Horror.—E porque horror? Volveu  
 (Nem viste?) um longo olhar, illuminado...  
 Não: esconder-se a uma pedra, o desgraçado  
 Lá vai... Bôa noite.—E o sapo, não sou eu?

Bahia

PEDRO KILKERRY.



### Charada 135

*Ao mais pechote.*

O Xisto Basileô Dario Prado  
 Certa mania tem—impertinente—  
     Que é de fazer a gente  
 Ficar de queixo abaixo, derreado.

Ninguem, mais do que o tal, possue talento,  
 Nem predicados de honradez e brio  
     E' um genio, um portento,  
 O espaventoso e pandego Dario.